

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18. n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	6.º ANNO—VOLUME VI—N.º 176	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	38\$00	18\$00	9\$50	\$120	11 DE NOVEMBRO 1883	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 43 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empreza.
Possessões ultramarinas (idem)	48\$00	28\$00	14\$50	120		
Estrangeiro (união geral dos correios)	58\$00	38\$00	19\$50	120		
Brazil (moeda fraca)	158\$00	78\$00	39\$50	120		

CHRONICA OCCIDENTAL

Andou tudo ahi n'uma roda viva por causa das eleições municipaes.

Os monarchicos chegaram a ter sustos e os republicanos a ter extasis; mas no fim de contas uns e outros perderam as suas commoções.

Fora rebate falso: as instituições ficaram de pé, e de pé ficou a antiga camara; e as eleições passaram, como tudo passa n'este mundo, tudo excepto o sr. Theophilo Ferreira para vereador.

E coisa original e aprazível; depois da lucta todos ficaram contentes.

E ouvil-os: os republicanos cantam victoria, os progressistas cantam victoria, os regeneradores cantam victoria, todos elles cantam a mesma musica, o que não é lá summamente divertido, sobretudo para o paiz a quem estas eleições não deixam com muita vontade de cantar.

Porque no fim de contas isto de eleições é um divertimento carissimo. Não são estas nem aquellas; todas:—já que a politica passou tambem claramente, abertamente, com toda a franqueza para as eleições municipaes, já que o municipio não vota no sr. A por julgar que elle lhe poderá prestar bons serviços, mas simplesmente porque o sr. A é regenerador, ou porque é republicano, já que não se vota nos sujeitos pelo seu merecimento mas simplesmente pela sua côr, e provado como está que desde o momento em que qualquer governo tem a sua vida politica ligada á lista municipal, é necessario que esse governo seja o mais inhabil e o mais moral, o mais idiota e o mais honrado de todos os governos para não fazer vencer essa lista, parecia-nos que haveria uma grande vantagem para o paiz, sob o ponto de vista hygienico e economico, em substituir a eleição da camara municipal, — como a boa razão de ha muito aconselha para a representação nacional — pela nomeação da

camara municipal o que pouparia á nação um bom par de commoções e de vintens.

As eleições d'este anno correram como as de todos os annos.

Havia quem prognosticasse graves tumultos, sérios conflictos, mas esses prophetas não passavam d'astronomo sarogossano.

Efectivamente nos horisontes havia o quer que fosse de tempestade, mas os prophetas enganaram-se no prognostico.

Não era para as eleições essa tempestade, era para a *Aida*, ou se era, chegou então com atrazo, e em vez de cá chegar no domingo, só appareceu na terça feira, e em vez de cahir sobre a vereação cahiu sobre a sr.ª Belocca.

E a respeito d'esses tumultos de S. Carlos, correm por ahi com a *toilette* grave de doutrina, umas opiniões muito engraçadas e muito originaes, que não podemos deixar de consignar aqui,

como uma innovação extremamente util e agradável ao publico dos theatros.

Nós não assistimos á primeira representação da *Aida*, porque n'essa noite fazia beneficio no theatro de D. Maria, o actor Augusto Mello, e nós por coisa nenhuma d'este mundo, nem mesmo por um *flasco agudo* no theatro de S. Carlos, deixariamos de assistir á festa annua, d'esse excellente rapaz de quem ha tantos annos somos amigo, que tanto temos applaudido como artista, e a quem devemos como escriptor, a fineza de nos ter substituido, tão distinctamente, quando ha mezes tivemos de deixar a chronica do OCCIDENTE, para ir a Hespanha assistir ás festas reaes.

Mas, sejamos franco, nós não prognosticavamos esse fiasco; pelo contrario, esperavamos um *sucesso*; conheciamos ha muito o nome da sr.ª Belocca como o de uma cantora notavel, tinhamos visto em tempo o seu retrato nas colleções dos artistas illustres lá de fóra, e imaginavamos que a *Aida* seria um triumpho.

Mas se não assistimos ao *charivari* do debut da sr.ª Belocca, sabemos perfeitamente o que lá se passou.

Informaram-nos, mas nem d'essas informações precisavamos.

Os *fascos* em S. Carlos passam-se todos uns como os outros; em todos elles andam sempre mal, o publico, a empreza, e a auctoridade que preside ao espectáculo.



D. ANTONIO JOSÉ DE FREITAS HONORATO, ARCEBISPO DE BRAGA
(segundo uma photographia de M. S. Campos)

D'esta vez as coisas passaram-se assim:

A sr.^a Belloca desagradou completamente no 2.^o acto da *Aida*, n'essa *Ameneris* que ainda no anno passado foi cantada e representada magistralmente pela Pasqua.

Esse desagrado, como ordinariamente acontece em S. Carlos, não sabemos bem porque, manifestou-se com uma troca de theatro de feira, segundo nos contam.

A sr.^a Belloca, que ao que parece não está habituada a ser recebida assim, como o publico de S. Carlos não está habituado a assim ouvir cantar a filha de Pharaó, zangou-se, e mostrou tambem o seu desagrado pelo publico.

Elle pateava-a, trocava-a, ella foi muito mais discreta na manifestação do seu descontentamento: — calou-se.

— Não canto, e não canto, e disse.

E em vez de cantar no palco começou a gritar no camarim com um ataque de nervos violentissimo, accordado no seu temperamento de mulher pela commoção violentissima do ruído do desastre.

A empresa, á *bout de resources*, annunciou no salão, a doença da sr.^a Belloca, authenticada devidamente pelo medico do theatro, e começou o ultimo acto pelo segundo quadro, supprimindo completamente o primeiro, que é toda a grande scena de contrato da *Aida*.

O publico apesar de ser avisado, indignou-se, e não quiz aquillo assim. Queria o quarto acto todo com Belloca: era peor que o publico hespanhol na praça de touros.

Para completar o espectáculo, para substituir esse mal aventurado 4.^o acto da *Aida* a empresa apresentou o 5.^o acto do *Fausto*.

Tempo perdido, trabalho completamente perdido para a sr.^a Fossa, de trocar a côr de chocolate da filha de Amonasro pela brancura de lyrio da loura Margarida: o publico não deixou cantar o 5.^o acto do *Fausto*.

Que fazer?

Então começou a apparecer nas bancadas de S. Carlos a tal opinião mascarada gravemente de doutrina:

— A empresa que restitua ao publico o seu dinheiro.

A empresa, porém, não restituiu, no que fez muito bem, na nossa humilde opinião, o publico não consentiu que se cantasse o 5.^o acto do *Fausto*, e quando digo publico, digo apenas os pateantes, e a auctoridade mandou apagar o lustre, e vir força armada do quartel do Carmo.

E assim acabou essa memoravel noite do debut da sr.^a Belloca. Uma terça feira! Aqui tem como se manufacturam os enguiços!

Como veem, as coisas passaram-se exactamente como das outras vezes.

D'esta vez houve apenas a novidade, que já até se apresentou impressa, da obrigação da empresa restituir ao publico o seu dinheiro, por não lhe ter podido dar completo o 4.^o acto de uma opera, em consequencia de doença comprovada de uma cantora.

Esta nova theoria é tudo o que ha de mais delicioso no genero, e por isso não podemos deixar de a pôr em evidencia. S. Carlos annuncia a *Aida*. O publico vae, ouve o 1.^o, o 2.^o e o 3.^o acto da opera, faz um *charivari* de tal ordem a uma artista que debuta, que chega a adoecer-a, essa artista não pôde cantar um quadro no ultimo acto. A empresa dá o acto sem esse quadro: o publico não deixa: substitue esse acto por um acto inteiro d'outra opera, o publico não consente: e a empresa é obrigada a dar o dinheiro ao publico, depois d'elle ter ouvido tres actos, da opera annunciada que tinha quatro, e de se negar a ouvir parte d'esse quarto.

Essa jurisdicção theatral é novinha em folha e está destinada a produzir estranhos resultados.

Um d'elles, com certeza o d'aqui a pouco acabar-se a raça d'empresarios de theatro.

Francamente, como é que se pôde ser empresario desde o momento em que a torcedura d'um pé d'um artista, ao começar o ultimo acto d'um espectáculo, torna completamente nullo esse espectáculo para a receita, conservando-o perfeitamente valido para todos os effeitos da despeza?

Ora nós comprehendemos perfeitamente, que toda a empresa, desde o momento em que annuncia um espectáculo, e que o não pôde dar, é obrigada a restituir o dinheiro ás pessoas que já o tinham dado para assistir a esse espectáculo.

Mas fazer essa restituição quando, quasi no fim, o espectáculo é interrompido por causa de força maior, é um cumulo de bizarras, que difficilmente passará das theorias de espectador mal humorado, para a pratica d'empresarios.

E temos gasto cera de mais com ruins defunctos, que outra coisa não é a finada *Aida*, e além de outras coisas, temos ainda, sem sahir do theatro,

e nem mesmo d'essa aziaga terça feira da sr.^a Belloca assumpto á farta para a nossa chronica cujo espaço é já exiguo.

Em primeiro lugar, uma comedia original portugueza, no theatro de D. Maria, e d'um auctor já applaudido, e que é um dos mais illustrados trabalhadores, sérios e conscienciosos das nossas letras, o sr. Maximiliano d'Azevedo, cujos estudos d'investigação historica acerca do theatro da Rua dos Condes, os leitores do OCCIDENTE tem apreciando.

Chama-se *O Epilogo* a comedia do sr. Maximiliano d'Azevedo, que subiu pela primeira vez á scena na noite do beneficio do actor Mello, e passa-se unicamente entre tres personagens, que encontraram em Virginia, João Rosa e Mello, uma interpretação cuidada e correctissima.

O Epilogo é theatralmente uma peça bem feita, com principio, meio e fim, com uma acção que por não ser nova não deixa de ser eternamente humana, com um dialogo, que por não ser constellado de bons ditos fuscantes, não deixa de ser correcto, portuguez e fluente.

Na primeira noite a peça foi ouvida com certo cansasso por parte dos espectadores.

Essa fadiga explica-se pelo genero sério e sentimental da peça, que não era precisamente o que o publico esperava d'uma comedia d'abrir, e pela demasiada extensão das scenas, extensão que não tem a amenisa-l-a nem o grande interesse d'acção, nem o *detalle* aprazível do dito imprevisto e scintillante.

Segundo o costume indigena, alguns noticiarios, que estão sempre a chorar a falta de originaes, receberam este original n'um acto com as mãos cheias de pedras, e mais uma vez a critica nacional tentou desgostar e desconsolar um auctor dramatico de escrever peças originaes.

O publico teve mais amor ás letras patrias, applaudiu o *Epilogo*, não com o enthusiasmo com que se festeja uma obra prima, mas com a justiça com que se deve saudar uma obra séria e apreciavel, um trabalho intellectual correcto e são.

As obras primas não se fazem todos os dias, e quem estiver estudando dia a dia a litteratura theatral contemporanea, saberá que nem ellas se fazem todos os annos, e aprenderá nos dramaturgos francezes, hespanhoes, e italianos a ser muito mais indulgente para com os auctores dramaticos portuguezes.

Na noite do beneficio de Mello, representou-se pelo segunda vez, a comedia de Barriere — *A vida em familia*, em que na vespera se estreára em D. Maria o grande actor Antonio Pedro.

A comedia de Barriere é uma caricatura engraçadissima, da vida de familia, tendo por ventura o unico defeito, de bater durante quatro actos sobre o mesmo assumpto, e repetir continuamente as mesmas scenas.

A peça teve um successo de gargalhada e um desempenho completo e brilhante de naturalismo na arte de representar.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

ARCEBISPO DE BRAGA

Não tendo chegado a tempo o artigo relativo ao illustre prelado, dal-o-hemos no numero seguinte.

SUCCESSOS DO TONKIM

No nosso n.^o 164 do presente volume demos uma idéa do que era este assumpto, que trazia preocupada a França, que ia enviar aquelle remoto paiz uma expedição.

A milicia mais viva no Tonkim são os *pavilhões negros*, especie de guerrilhas que escapam quasi sempre a um combate regular, mas são terribes nos combates irregulares; a França conta, contra elles, com o auxilio dos *pavilhões amarelos*, outra milicia, talvez mais regular.

Alguns combates se tem dado; os francezes tem tomado alguns fortes e algumas cidades, e hoje acham-se estabelecidos no interior occupando as cidadellas de Nim-Buch e Fu-Hoi.

O almirante Courbet chegou ao Tonkim para tomar a direcção superior das operações; novos reforços vão ser enviados para aquelle paiz, e um credito é pedido ás camaras para occorrer ás despesas da expedição.

Como n'aquelle nosso primeiro resumo se dizia, a China oppunha-se á occupação franceza do Ton-

kim, por isso que ella se julga directa suzerana d'este reino. Com esse fim mandou as suas instrucções ao seu embaixador junto aos governos de Paris e Londres, para tratar esse assumpto com a chancellaria franceza, ao mesmo tempo que enviava, para a fronteira d'aquelle estado, um corpo de observação de vinte ou trinta mil homens.

O embaixador da China é o marquez de Tzeng. Como se sabe na China não ha verdadeira nobreza, senão a familia real e a de Kung-tzeu (Confucio) A classe mandarim é composta de homens de letras, que a ella sobem conforme o seu merecimento; depois porém de um certo tempo tem-se introduzido algumas alterações n'este antigo regimen, e tem sido conferidos titulos á moda europêa. As familias que são com elles agraciados não os gozam perpetuamente, e se por meio dos merecimentos litterarios ou scientificos não podem sustentar a nobreza ou elevar-se, vão descendo n'ella por degraus, passando de condes a viscondes, d'estes a barões, d'estes a simples fidalgos, até que passadas algumas gerações desapareceu essa nobreza no oceano popular. Ha porém entre essas familias nobres, umas quantas, cinco ou seis, que não estão sujeitas a esta regra, e nas quaes a nobreza se conserva hereditaria e perpetua: pertence a uma d'ellas o marquez de Tzeng.

Dotado de uma educação aprimorada, é considerado o diplomata mais distincto do celeste imperio. E' notavel o marquez pela sua extrema cortezia, que encobre toda a finura de que é capaz um chine. O marquez de Tzeng residiu algum tempo em S. Petersburgo, onde foi enviado para deslindar um grave conflicto entre a Russia e a China, a restituição de Kuldga, que hia quasi determinando um rompimento. A sua habilidade obsteu a isso. Hoje na França, por quem tem sympathias e onde é estimado, trata com toda a pericia a questão que lhe foi incumbida. Uma vez cedendo, outras noticiando-se que se retirava para Inglaterra sem nada resolver, tem-se conservado no seu posto, e ha pouco affirmava-se haver chegado, com o ministro dos estrangeiros Chalmel-Lacour, a um accordo, pelo qual ficava sendo limite da area de influencia ou protectorado dos dois paizes o rio vermelho, accordo que fora remettido á China por um novo enviado. A retirada pretextada, talvez, por aquelle ministro, e a sua substituição pelo sr. Julio Ferry é possivel que active esse accordo ou que o inutilise. A opinião, como succede quasi sempre em França, onde a vaidade não tem perdido muito terreno, está alli agitada, e é de recear que em lugar de um accordo razoavel, precipite o paiz em tentativas aventurezas, apesar de já não haver imperador a quem se possa lançar a culpa.

No entanto as operações continuam e o general Li-Hong-Tchang continua á frente do seu exercito de observação, prompto a entrar em campanha.

Se o marquez de Tzeng é o diplomata mais distincto da China, Li-Hong-Tchang é o seu general mais considerado. E' energico e intelligente, e saído de uma situação modesta, elevou-se á força de paciencia e de vontade, devendo a sua consideração em parte á amizade do marquez de Tzeng, de quem é discipulo, e em parte á maneira disumeta com que se houve na revolta dos Tai-Ping, de quem alcançou victoria tomando-lhes o Tonkim. E' adversario decidido dos francezes e tem empregado esforços sobrehumanos para elevar o exercito chinez á perfeição dos exercitos europeus. Por sua influencia, que é immensa no celeste imperio, tem este despendido para aquelle effeito sommas avultadissimas em armamentos e meios de defeza, tanto maritimos como terrestres.

Accumula parte dos cargos militares mais importantes do imperio, que lhe confiou o commando das tropas e o governo das provincias que entestam com o imperio d'Annam. Ha alguns annos foi Li-Hong-Tchang elevado á dignidade de Conde do imperio. O general tem hoje 60 annos, havendo nascido em 1823 na provincia de Nga-nhu-ci.

As ultimas noticias dizem que em quanto os francezes occupam Nim-Buch e Fu-Hoi, os pavilhões negros e os chinas se concentram e fortificam ao redor de Bach-Nich e Song-Tai, que o almirante Courbet, chegado aos mares da China, ia tomar o commando das forças navaes e a direcção superior das operações, que a esquadra franceza ia dirigir-se a Cantão, e que o embaixador francez enviado á China, o sr. Tricou, telegraphou em 29 de outubro dizendo que o vice-rei Dehung-Chang insistia pela sua demora, estando muito inquieto e censurando altamente o marquez de Tzeng, despacho que lido nas camaras francezas obteve applausos n'este ponto.

Veremos em breve se aquella longa pendencia se termina por um accordo honroso, ou por uma guerra desastrosa.

PALACIO DOS DUQUES D'AVEIRO,
EM AZEITÃO

É Azeitão uma bonita freguezia dos arredores de Lisboa, pertencente á comarca de Setubal. A sua egreja parochial foi instituida em 1350, e apesar de pequena, encerra alguns objectos apreciaveis.

Quasi em frente d'ella, e formando um dos lados de uma praça rectangular, sobre a qual se ergue o pelourinho, está assente o palacio dos duques de Aveiro. A sua estrutura mostra-nos dois corpos lateraes avançados a que serve de ligação ao fundo, o corpo principal, constituindo assim a entrada um grande pateo. A parte direita que dá sobre o jardim tem no primeiro andar uma larga varanda dividida por columnas, communicando com uma especie de galeria, a que se seguem para o interior as salas e outros aposentos.

É fundação do primeiro duque de Aveiro, pelo meado do seculo xvi, começando por uma casa de campo, junto ao convento dos dominicos, que os seus successores tornaram um palacio e fizeram sua residencia habitual e solar desde o primeiro quartel do seculo xvii, transferindo-se para alli definitivamente então dos seus paços de Setubal.

O attentado de 3 para 4 de setembro de 1758 contra a vida d'el-rei D. José, envolveu nas suas consequências o ultimo duque d'Aveiro, D. José Mascarenhas, e no palacio de Azeitão foi preso, por uma força importante, que de Lisboa partira de noite para esse effeito.

Condemnado e executado o duque no dia 19 de janeiro de 1759, foram sequestrados todos os seus bens para a corôa, salvo o palacio de Belem, que foi arrasado e o chão d'elle salgado.

Alguns annos depois, tendo sido expulsos os jesuitas de Portugal, foi o palacio de Azeitão parte dos edificios onde estiveram recolhidos parte d'elles, antes de embarcarem para o estrangeiro.

O palacio foi depois vendido, está hoje muito arruinado, mas com certa despeza e bom gosto podiam convertel-o em deliciosa vivenda, porque o que lhe resta é a bonita posição.

PINHEL

A paginas 3 e 8 do nosso 5.º volume se deu uma rapida descripção d'esta cidade, por occasião de representarmos em gravura o seu curioso pelourinho.

Para não enfiar os leitores com repetições remettemol-os para aquelle pequeno artigo acrescentando apenas poucas palavras.

Já alli se disse que Pinhel gozará a subida honra de ter sido seu alcaide-mór João Fernandes Vieira, o madeirense heroe, alma da restauração de Pernambuco do poder dos holandezes, antes disso tivera tambem a não menor honra, de haver sido seu juiz de fóra, João Pinto Ribeiro, um dos varões mais integros que a nossa historia nos apresenta, a alma da restauração de Portugal do poder dos castelhanos, a qual talvez se não houvesse levado a bom fim, se elle não fora.

Ha porém factos mais gloriosos ainda para a cidade, é que um dos seus filhos foi companheiro de Vasco da Gama, no grande feito do descobrimento da carreira da India, pelo qual foi nobilitado e privilegiado, como o foram alguns dos sobreviventes d'aquella arrojada empreza.

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E ATELIER
DE GRAVURA DO «OCCIDENTE»

Em fins de 1877 iniciavam-se os primeiros trabalhos da Empreza do OCCIDENTE, que principiou a publicar — O OCCIDENTE, REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO, no 1.º de janeiro de 1878.

A empreza era arriscada e de difficil execução, porque dependendo em primeiro logar do bom acolhimento publico, demandava ainda de uma cooperação artistica difficil de organizar praticamente, além de um grande empate de capital.

Felizmente a empreza conhecia perfeitamente o terreno que ia trilhar, tinha-o estudado e achava-se habilitada para executar o seu programma, tão completo como o tinha annunciado e o tem cumprido até ao presente.

O favor publico com que o OCCIDENTE foi recebido logo de seu principio, favor que o tem sempre acompanhado, é a prova mais evidente de que o nosso paiz aceita com interesse todas as manifestações que denunciem progresso, e muito especialmente, quando esse progresso significa verdadeiramente o desenvolvimento de uma arte ou de uma industria nacional.

O OCCIDENTE não é simplesmente uma publicação illustrada com mais ou menos brilho, que vá buscar as suas illustrações aos clichés das publicações estrangeiras, apresentando-os aos seus leitores como especimens valiosos, das quaes, porém, lhes não poderia dizer: isto é nosso, isto representa a arte de gravura no nosso paiz.

O OCCIDENTE é uma illustração exclusivamente nacional, pelas suas gravuras, pela sua collaboração, pelo seu papel e pelo seu fabrico typographico.

Os seis volumes que vão publicados patenteam os progressos que se tem feito, e os que se seguirão irão successivamente melhorando, porque a empreza não descança.

O OCCIDENTE tem hoje dois directores litterarios e dois directores artisticos e conta entre os seus collaboradores litterarios os melhores escriptores do paiz; o seu pessoal artistico composto de desenhadores e gravadores ascende ao numero de vinte; o pessoal de administração e expediente conta dez empregados, além do pessoal typographico que funciona em officina separada na rua Oriental do Passeio 8 a 20.

Em junho de 1882 mudou a Empreza do OCCIDENTE o seu estabelecimento para a casa que actualmente occupa, na rua do Loreto esquina da rua das Chagas, e que é propriedade do sr. commandador José Pereira Soares.

DEZ DIAS EM HESPAÑHA

NOTAS DE VIAGEM

(Continuado do n.º 17.)

VII

Era uma manhã tepida de maio.

Nas pedras de Madrid havia ainda uns restos da humidade da noite, e nos nossos olhos uns restos do bello somno interrompido ferozmente pela necessidade de madrugar.

A porta esperavam-nos dois grandes omnibus, já cheios de jornalistas hespanhoes e de jornalistas portuguezes, que com a sua grialhada alegre faziam juntar grupos de transeuntes matutinos em torno d'esses omnibus, cujos cavallos enfeitados com laços abanavam de vez em quando as cabeçadas cheias de guizos, com um grande ruído de festa.

A minha pequena Sarah com muito menos somno da que eu, puchava-me para o omnibus, com a grande ansiedade curiosa, de quem presente que se vai divertir muito.

As senhoras accomodaram-se nos melhores lugares, eu tomei das mãos do amavel sr. Modesto, dono do hotel dos Embaixadores, um copo de leite com cognac, e alla para o Pardo.

Os carros partiram, carregados de gente, com uma grande apparencia de festa.

Quando chegámos á praça do Oriente esperavamos ali um break magnifico tirado a tres parrelhas com jockeis, um carro de el-rei D. Alfonso XII, posto amavelmente ás ordens dos jornalistas portuguezes, para o seu passeio á quinta real do Pardo.

E os dois omnibus iam tão cheios, que com os passageiros d'elles encheu-se o break real continuando ainda a ficar cheios os omnibus.

Os tres carros seguiram com uma grande velocidade: atravessámos a ponte do Manzanares, sahimos as portas de Madrid e d'ahi a momentos entravamos na extensissima mata real do Pardo.

O sol para nos obsequiar, escondera-se atraz d'umas nuvens escuras, que ameaçavam chuva, mas que no fim de contas não passavam d'uns amaveis toldos.

Os carros seguiam pelas largas e formosas ruas d'essa enorme matta, com uma grande algazarra de conversas alegres, que se travavam de carro para carro, n'um diapasso que abafava as vozes estridentes dos guizos dos cavallos, accordando assarampatados os coelhos, as lebres e as perdizes, que dormiam descançados o seu somno da manhã, e que de vez em quando saltavam, d'um lado para o outro da estrada, mesmo rente ás patas dos cavallos, levando consigo os olhos invejosos d'alguns caçadores apaixonados que iam no rancho.

A mais de meio do caminho, n'uma pequena clareira no meio d'uma matta espessa cavaqueavam dois gentis veados, com a semcerimonia de quem está de manhã em sua casa, sem esperar visitas.

Ouviram aquella bulha enorme que rolava pela estrada e puzeram-se muito fitos a olhar para os omnibus.

— Olha veados! olha veados! gritaram varias vozes.

— Onde?

— Alli!

E muitos dedos apontavam para a clareira, e a minha pequena Sarah, doida de contente, batia as palmas, e queria mais.

Então os veados perceberam que aquillo já era de mais, que se estavam dando muito ao desfructo, e zás! pernas para que te quero!

E n'um segundo desapareceram cada um para seu lado na negrura espessa do arvoredo.

Entretanto o break em que nós iamos demorou o passo para vermos bem os veados, os omnibus passaram-nos adeante com uma ruidosa gritaria e um dos portuguezes que ia no break disse com toda a expansão da sinceridade alegre:

— Eu gosto muito d'estas festas: faz-me lembrar isto uma burricada!

— E' a voz da consciencia! é a voz da consciencia! gritaram muitas vozes trocistas.

• • •
Chegámos ao Pardo.

Um vasto campo e no meio o palacio real. Esperavam-nos ali a *deputacion provincial*, a direcção do asylo do Pardo, e muitos outros personagens illustres e amaveis cujos nomes nos foi impossivel reter.

Visitámos o palacio, que tem sobre tudo de notavel as bellas tapessarias que cobrem as paredes, entre as quaes sobresaem as de Goya, que são primorosas, e um pequeno panno representando dois cães *Los dos perros*, que fica sobre uma porta, e pela qual o Museu de Londres offerecia não sei quantas dezenas de contos de réis.

A maior parte das tapessarias trata principalmente de assumptos de casa: assumptos venatorios, disse alguem.

O nosso amigo das burricadas repetiu logo:

— Exactamente: assumptos venatorios.

E d'alli a momentos, parando defronte d'um panno de réis que representava a scena da Samaritana, exclamava com uns ares entendidos:

— São tudo assumptos venatorios!

Por isso d'alli a momentos, no almoço do Pardo quando qualquer jornalista portuguez pedia a um compatriota um copo d'agua, não dizia senão:

— Dá-me d'alli um assumpto venatorio.

• • •
Depois da visita minuciosa ao Palacio, os nossos amaveis confrades de Madrid tinham-nos preparado um esplendido almoço, n'uma grande meza, armada ao ar livre, n'uma das mais largas ruas do jardim do Pardo.

Esse almoço foi perfeitamente uma festa d'amigos, sem etiquetas, sem ceremonias, com uma alegria expansiva e franca, e um Val de Penas delicioso como nunca mais encontrámos em Madrid.

Findo o almoço, e trocados muitos e affectuosos brindes entre hespanhoes e portuguezes, passamos a visitar o asylo do Pardo, que é realmente um modelo no genero.

A direcção do asylo concedeu n'esse dia feriado a todos os rapazes e raparigas do asylo, e era de ver o entusiasmo e a alegria com que elles cantavam, pullavam, e saudavam a visita dos jornalistas portuguezes.

Eram 5 horas da tarde quando regressámos a Madrid, tendo passado um dos dias mais deliciosos da nossa estada em Hespanha, e penhoradissimos pela amabilidade cavalheiresca e bizarra dos jornalistas madrilenos, e especialmente do sr. Villalba e Aguilera, dois dos mais illustres e sympathicos jornalistas de Madrid, e membros mais influentes da commissão da imprensa.

(Continua.)

Gervasio Lobato.

EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

(Continuado do n.º 17.)

XLIX

Passando outras, taes como os n.ºs 186, 187 e 189, vejamos as duas que tem o n.º 188 que são de noqueira, com os pés em forma de garras. O desenho e as costas são de couro lavrado, seguros com prego pequeno amarello. No espaldar tem

um escudo sobre uma aguia de duas cabeças, sobrepujada pela corôa real e no remate a cruz de Christo. É do seculo xviii e deve ter pertencido a algum membro da casa d'Austria.

Ainda aqui vemos um prato, que não nos recorda se já mencionámos, de esmalte claustrado do Japão, cuja pintura, de vario colorido sobre fundo azul, representa plantas, flores, um boje, dois carneiros, etc.

É curioso o taboleiro de gamão n.º 197. É de pau santo com incrustações de marfim de cor natural e de cor verde e de madeira amarella, representando carrancas, estrellas, folhas, flores, aves e leões. É dividido em tres partes podendo dobrarse as duas lateraes sobre uma gaveta que lhe serve de base.

Ha duas tapeçarias do seculo xv da escola de Roger Vander Weyden alguma coisa desmerecidas, n.º 198 e 199.

Mencionaremos um grupo de porcelana (n.º 200) representando um satyro sentado e encostado ao tronco de uma parreira, cercado por tres baccantes, duas creanças, vasos entornados e cachos de uvas, no centro tem uma pequena medalha, contendo uma aguia com duas cabeças, coroada e na orla uma legenda já quasi toda apagada. Diz-se ter sido fabricado no principio d'este seculo.

Ha mais algumas faianças, mas temos pressa de sair da sala, comtudo não o faremos sem olhar o n.º 172 que é uma moldura que contém seis azulejos que se combinam para representar uma peça de architectura e um quadro da Annuñciação da Virgem. É do seculo xvi.

L

Entremos em uma das salas mais notaveis da exposição. Deixemos as damas que nos cer-



SUCCESSOS DE TONKIN — O GENERAL LI-HENG-TCHANG

cam, e nos impedem chegarmos ás vidraças; não reparemos no effeito geral da sala, a que tanto se sacrificou e com que nos não importa. Percorramos rapidamente as suas maravilhas, parando um instante a contemplar as que mais nos excitarem a attenção. É difficil a descriminação.

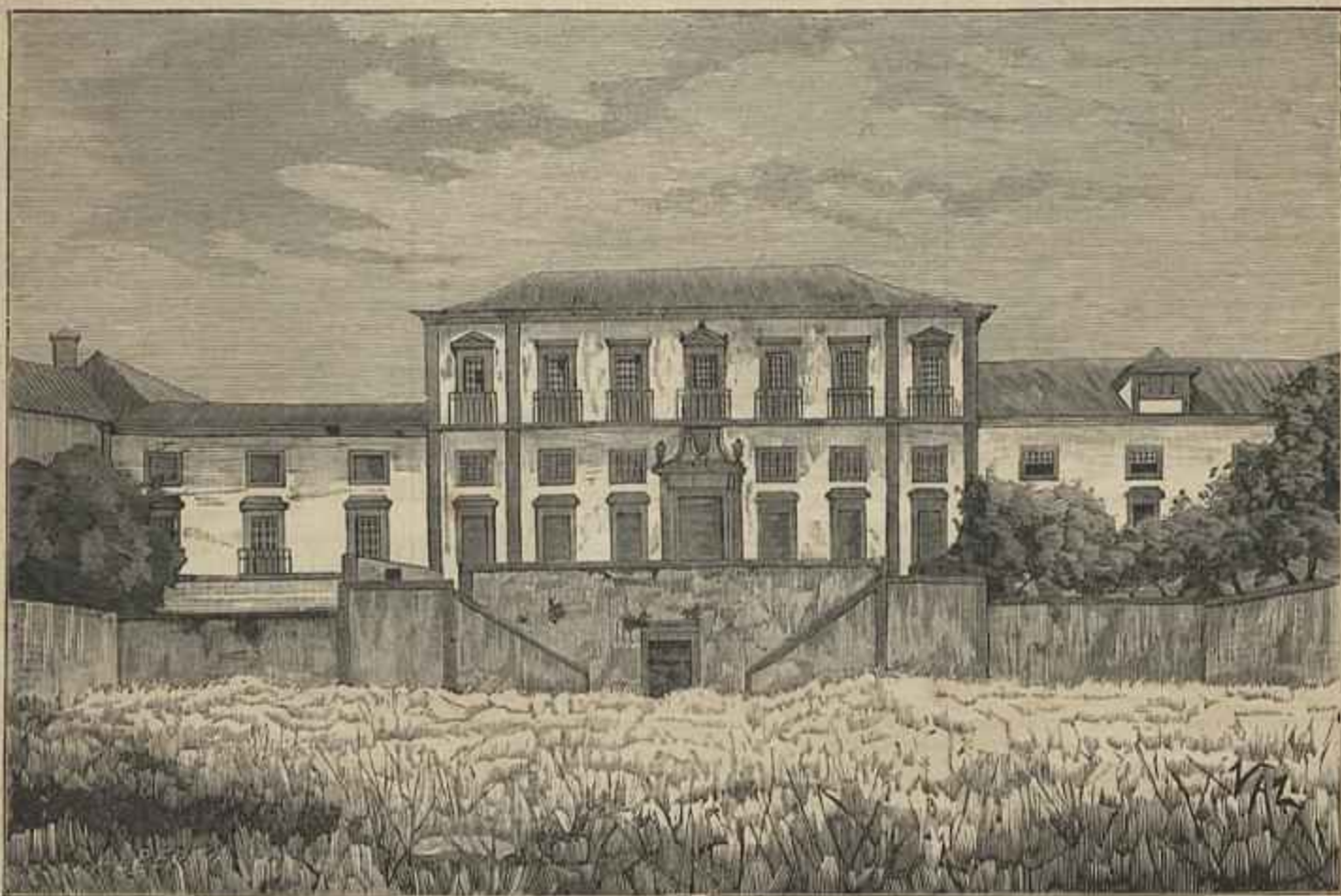
Começaremos pelo n.º 6. É um grande calix de prata dourada, de cujo typo ha outros na exposição. Quando dizemos grande, não queremos dizer que seja alto, porque apenas tem 0,21 de altura, mas pelas suas amplas dimensões que chamam logo a attenção. O pé levanta-se de uma larga base, e o nó que liga este á copa, é espherico, coberto de filigrana e de pedras preciosas. Da inscripção colhe-se que foi dado á abbadia de Alcobaça pela rainha D. Dulce, mulher de D. Sancho I, e por tanto que foi feito entre os annos de 1175, em que ella casou, e o de 1198, em que falleceu no 1.º de setembro. É pois uma memoria veneranda e um exemplar do estylo do seculo xii.

Segue-se o n.º 7, da mesma epoca. É um crucifixo de cobre dourado, com a figura de Christo em relevo, tendo emblemas dos evangelistas nas extremidades dos braços da cruz. Mede 0,38 de altura.

Segue-se o n.º 7 b que é uma pintura em madeira, classificada do seculo xiii e que representa a Annuñciação, S. Pedro, S. Paulo e outros santos.

O n.º 8 é tambem do seculo xiii. É uma cruz processional de bronze. A altura é de 0,455. Os braços e haste terminam em forma aproximada de flor de liz, e a imagem de Christo tambem de cobre é coroada e tem uma especie de saia.

N.º 9 imagem de S. Nicolau de 0,58 de altura, tambem do seculo xiii.



PALACIO DOS DUQUES DE AVEIRO, EM AZEITÃO (Desenho do natural por J. Vaz)

Os n.º 10 e 11 são duas taças ornamentadas em estylo arabe, assim como a caldeirinha de latão n.º 13, e o prato de cobre n.º 12.

LI

Aqui temos o n.º 14 que é um relicario de cobre esmaltado. É de forma rectangular terminando superiormente em guisa de telhado. A face anterior é dividida d'alto a baixo em tres partes, e horizontalmente em duas, ligadas pela linha do angulo que a especie de tampo ou telhado forma com o corpo inferior. Na parte superior e divisão do centro tem o padre eterno assentado, correspondendo-lhe na parte inferior Christo crucificado, ladeado por duas santas de menor tamanho, pois tem só a altura que vai da base até á parte inferior dos braços da cruz; por cima d'estes ha um anjo da cada lado. Nas outras divisões, superiormente anjos e inferiormente evangelistas ou apóstolos, os quaes tambem adornam o centro das faces lateraes, tendo, porém, n'estas maior altura, na parte posterior falta a porta. Este artefacto é do seculo XII.

Do mesmo seculo e muito semelhante em forma e adornos é o outro cofre ou relicario n.º 27, tendo porém, maior numero de figuras na frente. É obra de Limoges.

Sem apresentar disproporção nenhuma, apparece-nos porém com muita singularidade o relicario de prata dourada que tem o n.º 15. É formado de peças de diferentes épocas, parecendo que ou um artista da renascença se adaptou e reuniu, ou que foram sendo substituidas as que se foram estragando, successivamente por artistas de epochas posteriores. Assim as chapas lateraes, onde estão representados S. Pedro e S. Paulo são as mais antigas porque o seu estylo é bysantino; — a parte superior com



SUCCESSOS DE TONKIN — MARQUEZ DE TSENG

o calyario é de estylo ogival, e finalmente a base, o pé e a parte inferior do corpo é do estylo da renascença, comtudo está tudo ligado menos disparatadamente que em alguns edificios architectonicos.

LI

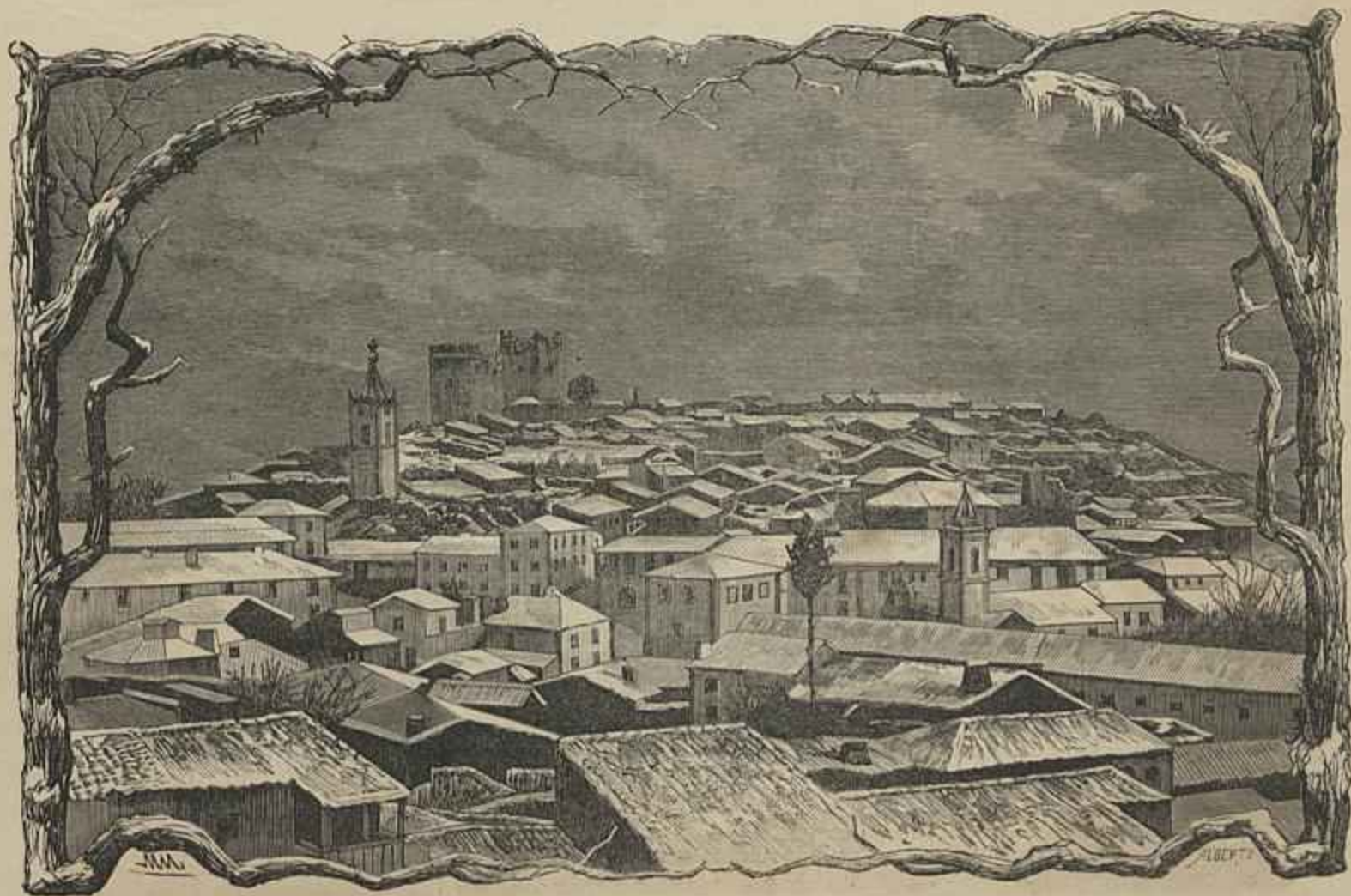
O baculo, n.º 16, é de cobre, dourado em toda a parte superior, tendo de altura 0,32. A parte inferior, cylindrica é adornada de tres animaes um pouco semelhantes a lagartixas, com as cabeças viradas para baixo, prolongando-se para a parte superior onde terminam com as caudas enroscadas. A parte superior ou volta do baculo é formada por uma serpente que se prolonga por toda ella, vindo terminar junto á parte cylindrica lisa, onde tambem vem acabar a parte inferior já descripta. No meio da volta ha um medalhão que de um lado tem Nossa Senhora coroada e com o menino Jesus nos braços e do outro, com corôa semelhante, assentado, deitando com a mão direita a benção e com a outra apoiada em um livro, uma figura que parece representar o padre eterno. É do seculo XII ou XIII.

O n.º 18 é um calix pelo estylo do do n.º 6, tendo porém o nó dividido em oito segmentos ou gomos com ornatos cinzelados. É do seculo XII e tem 0,18 de altura.

O n.º 20 é uma cruz de prata dourada sobre uma peanha de latão tendo engastados por toda a sua superficie rubis, pedras incolores, esmeraldas bastardas, etc., é do seculo XIII e tem de altura 0,43.

Um quadro bysantino de 0,350 de altura é o que tem o n.º 21. Representa Helena e Constantino manifestando a cruz. É pintado e dourado em gesso.

Outro baculo, n.º 24, de cobre dourado, diz a tradição que foi encontrado na sepultura de Santo



PINHEL (Segundo uma photographia)

Ovidio. Mede 0,24 de altura e a cossa ou volta representa um serpente com a cabeça atravessada pela cruz. É também do século XII.

Do mesmo século é o calix de prata dourada e copa lisa, de 0,171 de alto, e da forma já descrita. É também do século XII e também foi feito para Santa Maria de Alcobaça, como se lê na inscrição da base, gravada sob uma cruz.

Aqui temos outro calix e patena n.º 29 e 30, do mesmo estilo e século XII. É de prata dourada, e tem de altura o 16. A base circular é armada de seis medalhões também circulares, representando leões e folhagens em baixo relevo. O nó forma um disco muito largo e grosso dividido em gomos; a copa é semi-esférica, muito larga e lisa. Na base vê-se a seguinte inscrição: + R. M. CC. XX V. REX SANCTI ET REGINA DYLLIA OFFERVNT CALICEM ISTVM SCE MARINE DE COSTA. — Como se vê a era de 1225 corresponde ao anno de 1187, em que já havia dois que Sancho I e D. Dulce reinavam.

R.

O ALTO CONGO E AS ESTAÇÕES DE STANLEY

(Continuado do n.º 173)

Na apparencia logo se descobre a prosperidade, e a gente é pouco folgazona e alegre de si mesmo. Observou, contudo, o viajante, o que é raro entre aquellas raças, um par composto de um bello e robusto marido e de uma pequena e roliça esposa desenfadarem-se em brinquedos amorosos e ternas caricias; soube, porém, logo depois que estavam casados de poucos dias, ao que se pôde attribuir as suas expansões. Os pequenos, lindos negrinhos, brincavam juntos e faziam bolas de terra e uma africaninha, ao vel-os, aproximou-se trazendo uma creancinha do seu tamanho. Uma galinha com os seus pintainhos, com aquella firme pertinacia tão característica nas aves, intentava recolher-se á noite, na casa que tinha sido destinada para alojamento do viajante; mas dois bons rapaziños pegando nos pintainhos os conduziram para logar seguro, onde forçadamente os seguiu a galinha cacarejando sempre.

A brilhante luz da manhã seguinte elle enxergou quantidade de abobadeiras carregadas de fructos maduros, e adornadas em todas as hastes das suas grandes flores amarellas; campos cobertos de mandioca ondeante, o que espalha um ar de prosperidade e abundancia pelos grupos alvejantes das habitações.

Nesta aldeia em frente de algumas casas veem-se grossas toros de madeira, grosseiramente trabalhada. Um dos extremos de cada tronco não apresenta muito trabalho de mão, mas o outro termina por uma cabeça singelamente esculpida e pintada, mas executada com rara perfeição. O corte e os toques d'estas obras, onde ha a imitação de seres humanos, já são dados com certa decisão e habilidade. De feito ha já um traço de estilo e expressão n'estes esboços, os quaes além d'isso tem muito semelhança com o typo commum da localidade. Se estes cepos, dos quaes muitos se acham collocados deante das portas das casas, são alguns penates em desfavor, ou meramente assentos ornamentados, é o que o viajante não sabe dizer; é porém, certo que quando pronuncia a palavra «ídolo» apontando para elles, os homens e mulheres reunidos á roda riam-se desdenhosamente.

Não devemos esquecer que os naturaes do Congo estão ha quatro seculos em contacto com os europeus, que operarios portuguezes de toda a especie residiram durante muitos annos no Congo, que ali se fizeram obras importantes, que imagens e alfaias do culto foram constantemente mandadas para alli, que os portuguezes percorreram por todas essas terras, e até alguns abandonaram os seus naturaes e foram viver entre os negros, não sendo por isso difficil de acreditar, que aquelles que mais perto se acham dos pontos que havemos occupado, tenham recebido uns longos de civilização, que estaria talvez mais adelantada e desenvolvida, se não fossem as causas que se tem opposto a que a nossa acção haja sido mais effectiva e poderosa.

Diremos que os naturaes aqui se chamam *um-buno*; o prefixo plural *ua* substitue algumas vezes, o mais classico *ba*.

Fóra da povoação é tudo uma extensa e magnifica floresta. O caminho segue sempre, sempre pelo seu seio profundo e as ramas das arvores cobrem completamente o ceo. Ao longo da via pendem dos ramos do arvoredo as enredanças como enormes linhas de prumo, ou se emmeranhavam formando como que um madeiramento gigantesco,

ou uma especie de phantastica architectura. Grandes flores de jasmim luzem por toda a parte semelhantes a estrellas, na sombria profundidade da folhagem, e em baixo, no profundo seio do corego, a escura torrente deixa romper alguns jactos de luz verde quando se discorre ao longo d'ella.

O viajante parou na aldeia de Ngoma, na tarde do quarto dia depois da partida de Luteté. A palavra *Ngoma* significa *tambor* e como já se disse é applicada muitas vezes para designar as estrondosas quedas d'agua.

Um velho feitiço, com alguns jovens discipulos organisaram uma especie de dança curiosa. Saltavam á maneira de rans, acocorando-se e firmando-se nos calcanhares e agitando as mãos para o ceo. Disseram-lhe que elles pediam chuva. Outros mais indolentes achavam-se recostados em diversas posições, em quanto as mulheres lhes penteavam e enfeitavam o cabello com o cabello penteado e enfeitado pelas mulheres.

De Ngoma a Leopoldville é o caminho de quinze cançadas milhas. Não podemos estender a vista sobre Stanley-Pool em quanto não chegarmos a Leopoldville, e é então que ao tornar o cabeço onde esta está assente, que o magnifico prospecto d'aquella se desdobra á nossa vista.

Leopoldville, como a maior parte das estações de Stanley, está em sitio levantado, mas não occupa positivamente o cimo do cabeço, por isso que é edificada sobre o que se pôde chamar um cerrado ou paliçado semi-circular, cuja ladeira olha para a extensa lagoa.

O principal edificio da estação é uma grande casa de dois andares, construida de madeira, tijolo e uma especie de taipa. O tecto é de colmo, por causa do frio, e o madeiramento é todo feito de grossas vigas, aparentemente fortissimas, mas realmente uma causa de pouca segurança, por isso que a madeira é constantemente destruida pela formiga branca e outra peste de insectos. Assim é frequente que uma trave dê de si, e seja renovada exactamente na occasião precisa para salvar a construção.

Esta casa tem no rez-do-chão, uma grande sala de jantar, um armazem e tres quartos de cama; no primeiro andar um grande quarto, um tanto alcatroado, que é ordinariamente a residencia de Stanley, quando vem a Leopoldville. Na sua ausencia é occupada pelo chefe da estação.

Por de traz da casa e fóra d'ella estão as cozinhas e as acomodações domesticas; em frente um bello pateo ou atrio, o qual é realmente um apartamento aberto, fazendo seguimento á sala de jantar, avançando sobre a explanada, e formando como que um delicioso e alegre terraço, onde se pôde estar durante o dia.

No alinhamento d'esta grande casa ha duas outras construções. Uma contem uma série de acomodações para os homens brancos, e a outra um grande armazem supplementar.

Por cima e por baixo das casas dos europeus, ha muitas casinhas para os zanzibares, e indigenas aditos á estação.

Abaixo da explanada, a qual corre ao longo da frente da parte *branca* de Leopoldville, e estendendo-se para o porto, as casas dos zanzibares apresentam perfeitamente o aspecto de uma cidade regular e acceada, vendo-se cada habitação cercada pelo seu jardim. A explanada já mencionada é verdadeiramente um terrado plano cortado artificialmente no declive do cabeço, e está no prolongamento do caminho que vem do interior.

Este terrapleno permite desfructarem-se vistas de extrema belleza tanto da cidade distante, como das florestas cercanas; e pela fresca da tarde offerece agradável desenhado, por onde se divague em quanto se espera pelo jantar. É n'este local que o chefe da estação passa, todos os dias ao amanhecer, revista aos zanzibares.

A um quarto de milha para o cimo do cabeço jaz a pequena missão Baptista a qual gosa, por acaso, uma situação mais bella que nenhuma das edificações de Leopoldville, abraçando a vista, que da sua varanda se alcança, quasi toda a extensão de Stanley-Pool.

Os missionarios teem em baixo junto á margem do Congo, um extenso agro, e arrendaram á Expedição uma grande area de terreno de cerca de dois acres e meio de superficie, de que pagam apenas a quantia nominal de dez libras por anno.

No arborizado valle abaixo de Leopoldville começava os seus trabalhos de edificação a missão Livingston Inland, estando apenas alli de pouco tempo estabelecido o dr. Sims e um missionario dinamarquez como adjuntos á Expedição. Superior, inferiormente e á roda da estação extensas granjas, bananaes, e campos de mandioca se estendem. Já começam a fornecer não pequena quantidade de mantimentos tanto para os brancos, como para os negros habitantes de Leopoldville,

e, naturalmente, em breve futuro, com os estabelecimentos de criação de cabras, carneiros, patos, gallinhas, pombos, porcos, etc., deve satisfazer completamente ás necessidades da estação e seu regular numero de habitantes, de maneira que só haverá necessidade de trazer da Europa, aquillo que se pôde chamar superfluo, ou objectos de luxo.

(Continua)

J. B.

HISTORIA DE MAGDALENA

(Continuado do n.º 174)

III

Ao acabar este sacrificio no altar do amor profano, o cardeal mostrou-me nos olhos duas lagrimas de compunção ridicula, que lhe davam ao rosto um ar de melancholia desgraçada; eu agarrei a seriedade pelos cabellos, e disse-lhe:

— Surprehendeu-me a declaração de V. Eminencia por ser feita a uma mulher de ha muito desaccostumada dos ceremoniosos preambulos do amor. O meu coração não é cousa que já hoje se possa render; a minha vaidade de mulher que deseja o fausto e a opulencia, essa é que poderá ser comprada por quem não fizer muito caso de dinheiro.

Apenas lhe fiz rudemente esta profissão de fé mundana, vi-o arrebatado abrir-me os braços, e cahir de joelhos deante de mim, exclamando inundado de alegria:

— Oh! comprehendendo-a; é a primeira mulher d'este século. Peça toda a minha riqueza, que eu darei tudo para possuil-a.

— Não exijo tanto, sr. cardeal; basta-me o rendimento de meio anno dos seus bens ecclesiasticos. Serão apenas dez contos de reis, que V. Eminencia gasta para a satisfação de um capricho de homem do mundo.

— Sim, accudiu elle, na expressão do maior contentamento; esta noite mesmo lhe serão entregues, e a minha amisade para sempre. Vou tratar já de realizar essa quantia. Até a noite.

Eu estendi-lhe a mão, que elle beijou mais devotamente do que os outros lhe beijariam o anel do apostolo, e senti na consciencia a alegria de ter feito uma boa obra.

IV

O successor indigno dos evangelisadores do amor divino veio com os dez contos, e pediu o cumprimento da minha promessa.

Eu admirei a pontualidade cardinalicia, e desculpei-me com um leve incommodo de cabeça, que me impossibilitava por enquanto de me sujeitar á realisação do contracto.

Sua Eminencia acreditou-me, adiou para um prazo brevissimo a satisfação dos seus mais ardentese desejos.

Apenas elle saiu de minha casa, dirigi-me logo ao escriptorio d'um banqueiro, passei os dez contos a letras de cambio endossadas na irmã do cardeal, e remetti-lh'as, pedindo-lhe recibo.

Quando sahi de casa do cambista ia louca de alegria. Via tudo por um prisma delicioso. Todo me sorria e me enlevava. Sentia uma doçura inefavel, e os louvores da consciencia a impellirem-me para o caminho do bem.

O cardeal não deixava a minha casa. Os seus desejos amorosos cresciam e acaloravam-se de dia para dia.

Uma vez em que elle me estava aborrecendo horrivelmente, trouxe-me uma carta de letra desconhecida, que me fez saltar o coração de contentamento.

Suspêitava, presentia que era da minha protegida.

Abria-a, e ao principiar a leitura, senti-me desfallecer.

O cardeal observava-me, e perguntou-me o que tinha.

— Leia essa carta, senhor; eu não pude fazer feliz uma desgraçada, porque sua irmã é uma grande alma; quiz castigal-o, e Deus puniu-me porque sou peccadora, e não posso extranhar os crimes dos outros. Oxalá que a lição lhe aproveite, como a mim.

O cardeal estava pasmado. As minhas lagrimas faziam-n'o ensandecer, e aquella carta dava-lhe arripios de raiva. Acabou de lê-la e perguntou-me n'um sorriso estúpido:

— Foi para isto que me pediu dez contos de reis?

V

Não lhe respondi; despedi-o por um dos meus creados.

Depois sube que o virtuoso príncipe da igreja andava com a monomania picaresca de impetrar do Papa excommunições para todas as Magdalenas do mundo.

Pobre cardeal!

A carta de sua irmã causou-me uma impressão indelével.

Era assim aquelle grito de suprema angustia para quem fôra perturbada na sua amarga solidão:

«Minha senhora, eu vivo com uma filhinha, que me ficou do meu desgraçado amor. Deus não me castigou, foi o mundo, por isso vivo feliz.

«Esperava que a minha solidão, e a minha dignidade de mãe, me poupariam n'este eremitorio a compaixão dos outros. A sua esmola veio desiludir-me, apesar de me ser apresentada com uma delicadeza soberana.

«Desejo entranhavelmente que v. ex.^a desculpe a mulher, que, para expiação d'um peccado, que a sociedade lhe exprou e a consciencia lhe perdoa, trabalha dia e noite para dar a sua filha alma e coração dignos da sua formosura.

«Amo-a tanto, minha senhora, e desprezei a fortuna que a sua liberalidade me offerecia, porque acima de tudo timbro em dar-lhe com o meu trabalho a felicidade que ella merece.

«Perdoe-me; peço-lhe de todo o meu coração.»

O que era eu ao pé d'aquella mãe?

A minha vida soffreu uma transformação completa. Desejei fugir do mundo e dos homens, abraçar-me como ella á cruz da redempção, mas não pude.

O habito do mal era mais forte que o grito da minha consciencia indignada. Comecei a ver tudo pelo prisma do impossível, da fatalidade, do absurdo. Eu que tinha d'antes uma alma bem formada, uma susceptibilidade melindrosa, abafei a vergonha e os remorsos, e não pude elevar-me a meus próprios olhos, e vencer as minhas depravadas inclinações. Julguei que o mal se tinha internado na minha natureza, e que já agora não poderia vencê-lo, ainda que para isso convergissem todos os meus esforços.

Appareceram-me os piedosos sonhos da minha infancia, como estrellas perdidas na profunda noite do passado, cujo lume nunca mais illuminaria a minha felicidade extinta.

Esmaguei o phantasma da dignidade, suffoquei os gemidos do coração, e resolvi-me a caminhar até ao fim.

Abri de todo os braços ao genio do mal; era-me quasi um lenitivo; tudo o que podesse matar-me alguns bons instinctos que ainda me restavam, dar-me-hia a paz bruta da materia, o somno, o esquecimento. E o esquecimento do que me aviltava a meus próprios olhos era o meu unico remedio.

E cuid va que morreria assim, lentamente, suicidando-me pouco a pouco, entregando por fim á grande noite do tumulo corpo e alma polluidos, e queria beber até ás fezes o calix da minha desventura.

Eu era muito fragil para resistir a tantas provações.

Quando acordei d'este pezadello horrível, que durou alguns annos, encontrei-me abatida, desfigurada, quasi moribunda.

Gastaram-me os excessos do prazer, da orgia, da bacchanal, da devassidão emfim. Tive horror da minha fealdade, e do abandono em que ia acabar.

Os que me procuravam na minha época florente, esqueciam-se de mim agora, e até me desprezavam.

As memorias do meu primeiro amor, da minha saudosa infancia, passada entre as caricias da felicidade e as doçuras do affecto maternal, — viham aos cardumes affligir a minha fria soledade. No meio do mundo e separada para sempre do mundo; o bulicio e os prazeres a rodearem-me e a fugirem-me a formosura a dizer-me o seu ultimo adeus, e o espectro da fome a bater á porta da minha mansarda!

Quem poderia levantar-me do abysmo em que me tinha despenhado?

Recebi uma carta d'elle, quando já estava nos afflictivos extremos da miseria.

Vinha da Italia.

O pintor mandava-me uma copia do meu retrato, e uma somma avultada, producto da venda de outros exemplares. Não pude regeitar a esmola, porque tinha medo de morrer de fome.

Cahi de joelhos deante da imagem do que eu fôra n'esse tempo ditoso, tão differente do que era hoje, e pedi á virgem da minha mocidade perdão para a mulher do tardio arrependimento.

Tinha chegado ao fim da miseria humana.

Está agora deserta, quasi em ruínas, a casa onde ella morreu, na encosta da montanha.

Coroam-na os rochedos, amarellecidos pelo vento dos seculos, impassiveis espectros de granito, que foram alli os espectadores mudos e tristes da longa agonia de Magdalena.

Vi-a na sua ultima hora, pallida e extenuada, a pedir-me que lhe sagra-se á sua memoria este logar agreste e solitario.

Os ultimos raios do sol poente esmaivavam por entre as roseiras do atrio da sua cella penitenciarria; e as rosas, suas pobres irmãs na desventura, as rosas que ella tanto amava, pendiam para a terra ao derradeio esto da tarde.

Adormeciam, como ella adormeceu para sempre com o ultimo relampago do sol.

Quando a lua se levantou por sobre a crista dos rochedos, e os seus alvares maviosos banharam suavemente o pendor da montanha, e penetraram n'aquelle sacrario de saudades e de lagrimas, o seu rosto imanimado illuminou-se d'essa luz phantastica, solemne, indefinivel, que deve ser a auréola dos anjos, quando se ajoelham nos degraus do throno de Deus.

Eram ainda formosas aquellas primaveras desbotadas, sumidas no sudario alvissimo da morte, esmaecidas com os ultimos perfumes das roseiras.

Eu beijei-lhe os labios frios, onde ha muito haviam desmaiado os risos da felicidade, e cingi-lhe a fronte n'uma corôa de martyrios, e pedi aos anjos do Senhor que lh'a transformassem no ceu em diadema d'amor e de luz.

Guimarães Fonseca.

RESENHA NOTICIOSA

PAZ ENTRE O CHILI E O PERU. Consta estar definitivamente contratada e assignada a paz entre estas duas potencias, depois de uma guerra barbara e assoladora, de que não havia exemplo depois da invasão dos barbaros no imperio romano. O Chili ia systematicamente aniquillando o Peru pouco a pouco. Cidades e monumentos destruidos, museus delapidados e outros feitos indignos de paizes civilizados; avaliam-se os prejuizos causados, sem necessidade, em propriedades particulares na enorme verba de cincoenta e quatro mil contos de réis.

NIHILISTAS. Esta já lendaria seita russa, que tantos abalos extraordinarios tem produzido no imperio moscovita, tinha, quando o actual czar subiu ao throno, marcado um prazo para elle decretar certas medidas liberaes, sem as quaes elles não julgam poder progredir o imperio; como o prazo terminou e as taes medidas não foram adoptadas, appareceu uma proclamação *nihilista* decretando a morte do czar. E' escusado dizer a impressão que este facto causou no imperio e na Europa. Noticias de Warsovia dizem que novas proclamações nihilistas tem apparecido afixadas, o que tem determinado a prisão de muitas pessoas.

MAIS TERREMOTOS. Acrescentando ao que se disse no numero passado, o golfo de Smyrna foi assolado por este flagello, soffrendo a cidade e outras povoações muitos prejuizos em gente e propriedades. As noticias chegadas de Chio são afflictivas. Os tremores de terra succedem-se diariamente; entre feridos e mortos contam-se cerca de mil pessoas, achando-se cerca de vinte mil sem abrigo. Em Inglaterra o *Lord-maire* (presidente do municipio) de Londres abriu uma subscrição para acudir ás victimas dos terremotos; do porto do Pireu sahi um navio com provisões e doze medicos enviados pelo rei da Grecia para aquella ilha; um navio, o *Volta*, que se achava nas aguas de Chio foi a Smyrna buscar provisões. Em Lisbon, Evora e outros pontos tem sido sentidos alguns tremores, mas que, felizmente, não tem tido consequencias funestas.

MISSÃO RUSSA. A que era dirigida pelo sr. Poton e tinha saído de Petropaulowitz para explorar a região chilena do Gauthé foi atacada pelos tartaros, e não se sabem mais noticias d'ella.

HOMENAGEM A JOÃO DE DEUS. O *Diario nacional* do Porto iniciou uma subscrição nacional para a cunhagem de uma medalha com a effigie do eminente lyrico, como homenagem pela sua *Cartilha maternal*. A medalha deverá ser-lhe entregue no dia do seu anniversario, e com o producto da venda da reprodução crear-se-ha uma escola denominada *João de Deus*.

COLONIA PENAL. O sr. governador de Angola vae estabelecer uma d'este genero no valle de Noulanguonbe em Malange. E uma acertada lembrança.

CIDADE RESURGIDA. Ha poucos dias presidiu o imperador d'Austria á festa inaugural da cidade

de Sozegedina, que, como devem estar lembrados foi destruida em 1879 por uma inundação. Em quatro annos foi reedificada com dois *boulevards*, sete ruas, tres mil edificações, incluindo theatro, tribunaes, igrejas, quartéis, escolas, paço do concelho, dokas e um grande dique, para preservar das inundações. Que exemplo para o nosso progresso de caracol!

ENTERRAMENTOS E TUMULTOS. Parece incrível que estando decretada desde 1835 a prohibição dos enterramentos nas igrejas, ainda se não tenha conseguido extirpar do espirito publico esta pratica prejudicialissima.

Em Riba de Mouro, concelho de Monsão, houve tumultos nos dias 16 e 23 do mez passado, impedindo o povo os enterros fóra da igreja e procedendo ao enterro dos fallecidos dentro d'ella; isto já tinha succedido em Coura. Já nos vimos em similhante crise de que sahimos bem pela prudencia e energia. Em meio seculo deve ter havido muita incuria e ignorancia nas auctoridades, para não terem dissipado similhantes abusos.

CONGRESSO DE GEOGRAPHIA COLONIAL E MERCANTIL. Deve reunir na capital do reino visinho de 4 a 11 de novembro proximo futuro. Remettemos os nossos leitores para o que dissemos no nosso numero de 21 de agosto do corrente anno.

José de ANCHIETTA. No ministerio da marinha e Ultramar foram recebidos mais tres caixotes com exemplares zoologicos colligidos por aquelle infatigavel explorador.

LOTERIA DE PINTURAS. Em dezembro proximo futuro deve realizar-se a primeira loteria de pinturas a oleo, pertencentes ao bazar de Bellas-Artes do palacio de cristal no Porto. Consta que será muito modico o preço dos bilhetes.

ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS. No dia 24 de outubro celebrou-se a sessão solemne de abertura d'esta importante associação. Presidiu o veneravel advogado Holtremann, sendo secretario o sr. P. Midost. Assistiram varias senhoras e cavalheiros. Trataram varios assumptos de direito civil e penal os srs. Tavares de Medeiros e Paulo Midosi.

CONGRESSO HESPAÑOL DE GEOGRAPHIA. Na resenha do nosso n.^o 168 do corrente anno, sob as epigraphes da d'esta noticia, *Não percamos de vista Marrocos e Tarifa-Tanger*, chamavamos a attenção do nosso governo e das nossas sociedades de geographia, para o que se devia passar n'este congresso, que tão interessante nos devia ser. No nosso ultimo numero mais alguma coisa dissemos sob a epigraphie *Marrocos e Hespanha*. Antes d'isso e no artigo algum tanto desenvolvido *O Imperio de Marrocos e a nova legação portugueza*, a pag. 202 e 238 do 5.^o vol., 46, 54 e 126 do presente volume, haviamos mostrado qual era a politica tradicional portugueza, e que a criação da nova legação devia ser o laço que reatasse as vistas dos nossos passados ás dos presentes, fazendo convergir a nossa attenção para esse imperio africano, do qual tão grande parte dominaramos e que esteve por vezes a cair em nosso poder de todo. No congresso de geographia em Hespanha trata-se muito especialmente de Marrocos, e já não se encobre a discussão sobre os pontos que a nossa vizinha deve alli occupar. Assim o haviamos previsto, mas nem porisso deixaremos de continuar a dizer: *não percamos de vista Marrocos*, é este o nosso dever.

CAMINHO DE FERRO DA BEIRA-BAXA. Realizou-se no dia 7 do corrente o segundo concurso para a adjudicação da construção d'este caminho, para a qual se apresentaram tres propostas: a primeira por parte da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes offerecendo-se á construção pelo preço de 35:800:000 o kilometro; a segunda do sr. Henrique Burnay com o limite de réis 36:300:000; a terceira do Banco Lusitano com o limite de 36:396:000 réis.

O governo accellou a primeira proposta.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Quem bem ata bem desata.

EMIGRAÇÃO. A Inglaterra desde 1876 até ao fim de 1882 tem exportado para os Estados-Unidos, Canadá e Australia 1.021.186 dos seus habitantes. Lord Shaftesbury entregou ao sr. Gladstone presidente do conselho, uma memoria relativa aos meios de dirigir a emigração. Se a Inglaterra e os ingleses se preocupam com este assumpto, o que faremos nós, cuja emigração em dez annos regula por 1.0 d'aquella, sem que nenhum d'esses emigrantes se dirija a terra portugueza? que medidas tomam os governos para regular esse assumpto? que alvitres apresentam os homens publicos ou os que se interessam pelo paiz com relação a tal facto? e que caso se tem feito das representações e meios n'ellas apontados, com o que está succedendo nas ilhas adjacentes? Pois por traz d'este facto levanta-se um perigo muito serio para o paiz.

A emigração allemã desde o 1.º de janeiro até 31 de agosto do corrente anno, para os Estados Unidos foi de 159,073 almas.

CURA DA FEBRE AMARELLA. O dr. Domingos Freire a quem o governo brasileiro incumbira o estudo d'este flagello, cultivando o microbio que lhe dá origem e operando vaccinações, diz que estas tornam os individuos invulneraveis nos ataques da doença, ou pelo menos fazem que elles sejam brandos. As experiencias deram o melhor resultado; ainda bem e seria bom que o remedio se generalisasse.

EXPOSIÇÃO SOLLER. Deve realizar-se em janeiro proximo futuro no Porto a exposição dos trabalhos do fallecido architecto portuense Thomaz Soller, de quem tratamos no nosso n.º 164 de 11 de julho ultimo.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA ROCHA. Tendo voltado para Carnaxide a imagem da Senhora d'essa invocação, apparecida n'aquelle sitio em 1822, parece que se resolveu collocar em seu lugar, na Sé de Lisboa, outra imagem da mesma invocação. Effectivamente veio do Porto uma imagem, para aquelle fim, que se diz ser de muito boa escultura. A antiga, seja dito em verdade, não tinha nada d'isso.

tres lindos chromos: «A Silva, Narciso e Chagas».

ASSOCIAÇÃO CIVILIZAÇÃO POPULAR, Relatórios, Contas e Parecer respectivos á gerencia do anno de 1882, Lisboa, Imprensa Nacional. Neste relatório dá-se conta do movimento d'esta associação, que tão grandes serviços tem prestado á instrucção popular, com as suas aulas diurnas e nocturnas. Esta associação teve de receita no anno de 1882 1:465\$492 e de despeza 1:327\$305.

HISTORIA DE PORTUGAL ILLUSTRADA 6.º vol. por Manuel Pinheiro Chagas, edição da Empresa Litteraria de Lisboa, Fasciculo 2h, que é um dos ultimos do 6.º vol., com uma gravura «Retirada de D. Miguel depois do cerco do Porto».

HISTORIA UNIVERSAL original do Dr. Jorge Weber, traducção e notas de Delphin d'Almeida, Empresa Litteraria de Lisboa, editora. Fasciculos

Carlos Adriaõ, J. A. de Brissac das Neves Ferreira, J. M. Galhardo, J. Diniz de Sampaio. N.º 7 de 1883. Comprehende: *Batalha naval do Cabo de Matapan*, um dos feitos mais gloriosos da marinha portugueza, mas pouco conhecido, e que merece sel-o por todos os que amam a sua patria. *Hipsometria, taboas hipsometricas de Gauss. Marinha de guerra argentina*, com uma noticia das marinhas de guerra mais importantes da America do sul; *Nova suspensão para as bolas circulares; Questionario do manobrista; A marinha de guerra portugueza*, rapido estudo relativo a este importante assumpto, e em que o sr. Pedro Alves, residente no Brazil, apresenta um alvitre sensato sobre a organização e distribuição das nossas forças navaes, principalmente com relação aos vasos de guerra que mais urgentemente carecemos; *A corveta Mindello nas aguas de Zançibar*, em que se conta singelamente um facto que os jornaes referiram succedido na bahia de Tungui, entre os portuguezes, que iam alli refrescar, e os subditos do sultão.

LES INSTITUTIONS DE PRÉVOYANCE DU PORTUGAL par Costa Goodolphim. . . Lisbonne Typographia Universal. . . Rua dos Calafates, 110 — 1883; — opusculo de 15 paginas e um grande mappa, com designação das associações de soccorro em Portugal. É um trabalho conciso, publicado pela Sociedade de Geographia de Lisboa, para ser presente ao Congresso das instituições de previdencia, reunido em Paris, e feito com a proficiencia que n'estes assumptos distingue o auctor.

BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS, Grammatica franceza, — terceiro anno — oitava serie, 1883, David Corazzi, editor, Empresa Horas Romanticas. . . Administração, 40, R. da Atalaya, 52. Lisboa. Filial no Brazil, 40, R. da Quitanda, Rio de Janeiro. Neste opusculosinho, redigido em um sentido verdadeiramente pratico, achase o que é mais conveniente e preciso para o conhecimento da pronuncia e mechanismo da lingua franceza, cujo conhecimento é hoje assaz necessario a todos.

LES AFFAIRES ESPAGNOLES, hispano-coloniales, portugaises et sud-americains, este periodico publica-se no dia 5 de cada mez, continua a sair com a maior regularidade e trata especialmente dos assumptos relativos a bancos, caminhos de ferro, canaes, seguros, minas, estabelecimentos industriaes, empresas commerciaes, etc., concernentes á peninsula iberica e America do sul. O numero ultimamente publicado é de 5 do corrente mez.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

TYPOGRAPHIA ELZEVIIRIANA — LISBOA



REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E ATELIER DE GRAVURA DO OCCIDENTE

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A VIDA DAS FLORES, por Alphonse Karr e Taxile Delord, traducida por uma sociedade litteraria sob a direcção de Duarte de Oliveira Junior, David Corazzi editor, Lisboa. Fasciculos 12, 13 e 14 com

45 a 49 de 40 pag. cada um e illustrados com 4 gravuras de quadros historicos. Estes fasciculos pertencem ao 6.º vol., ultimo d'esta historia.

JORNAL DA INFANCIA, Mattos Moreira & Cardoso, editores, Lisboa. N.º 14 a 21 com bonitas gravuras e artigos interessantes.

GAZETA DOS HOSPITAES MILITARES publicada sob os auspicios do Ministerio da guerra N.º 157 a 160.

JORNAL DE HORTICULTURA PRATICA, José Marques Loureiro proprietario. N.º 10 do xiv vol.

O IMPARCIAL, semanario politico, commercial, litterario e noticioso, que principiou a vér a luz publica em Vianna do Castello. Desejamos-lhe longa vida.

ANSAES DO CLUB MILITAR NAVAL, redacção João

ALMANACH ILLUSTRADO DO OCCIDENTE PARA 1884

(3.º anno de publicação)

Este almanach é o unico, no seu genero, que se publica em Portugal. Illustrado com magnificas gravuras de monumentos e paisagens de Portugal, copias de quadros de artistas portuguezes, e retratos de notabilidades, com uma secção de necrologio do anno, illustrado com retratos.

A parte do calendario, tabellas e todas as indicações uteis para o publico, é das mais completas.

Uma linda capa a aguarella a côres, pintada pelo distincto scenographo MANINI, e executada na Lithographia GUEDES

UM ENYGMA A PREMIO

Preço em Lisboa, 200 réis. Pelo correio, 220 réis.

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, Rua do Loreto, entrada pela Rua das Chagas, 42, em todas as livrarias e em casa dos senhores correspondentes d'esta empresa.

ALLEGROS E ADAGIOS

FOR JAYME DE SEQUIER

Um elegante volume primorosamente impresso em papel superior

500 RÉIS

Acaba de sahir a publico e está á venda em casa dos editores

CAETANO ALBERTO & FARO

8 a 20, Rua Oriental do Passeio, 8 a 20

LISBOA

Nas principaes livrarias e na

EMPREZA DO OCCIDENTE

Envia-se franco de porte.